

## PSICOLOGIA E O TRABALHO: DESAFIOS NA ERA DA RACIONALIDADE NEOLIBERAL

## PSYCHOLOGY AND WORK: CHALLENGES IN THE ERA OF NEOLIBERAL RATIONALITY

Fábio Rodrigues Carvalho<sup>1</sup>

Juliana da Silva Nóbrega<sup>2</sup>

Vanderléia de Lurdes Dal Castel Schindwein<sup>3</sup>

Rafael Ademir Oliveira de Andrade<sup>4</sup>

### RESUMO

No presente ensaio teórico, aborda-se a relação entre Psicologia e trabalho sob a racionalidade neoliberal, destacando a precarização do trabalho e o conseqüente adoecimento dos trabalhadores. Esse cenário resulta na individualização do sofrimento psicológico e alienação coletiva. Historicamente, a Psicologia no trabalho tem legitimado a dominação burguesa e a exploração da força de trabalho. O ensaio enfatiza a desindividualização do sofrimento psíquico no trabalho e a solidariedade coletiva como prioridades para a prática psicológica no contexto laboral. Propõe a criação de espaços de resistência para diálogos coletivos, conscientização da realidade e perspectivas de mudança. Reconhece os limites impostos pela sociedade burguesa, mas defende a atuação nos interstícios do sistema. Ressalta a importância de os psicólogos assumirem uma posição em favor das classes populares e oprimidas, conscientes de seu papel na luta pela emancipação dos trabalhadores explorados pelo capitalismo.

**Palavras-chaves:** capitalismo; racionalidade neoliberal; trabalho; Psicologia.

### ABSTRACT

In this theoretical essay, the relationship between Psychology and work under neoliberal rationality is addressed, highlighting the precariousness of work and the consequent illness of workers. This scenario results in the individualization of psychological suffering and collective alienation. Historically, Psychology at work has legitimized bourgeois domination and the exploitation of the workforce. The essay emphasizes the deindividuation of psychological suffering at work and collective

---

<sup>1</sup> Mestrando em Psicologia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Bolsista de pós-graduação - CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6397-7925>.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) (2013). Docente da Universidade Federal de Rondônia, Departamento de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3779-6570>.

<sup>3</sup> Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul (2007). Docente Adjunta III da Fundação Universidade Federal de Rondônia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5728-5161>.

<sup>4</sup> Sociólogo, Doutor em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1047-3499>.

solidarity as priorities for psychological practice in the work context. It proposes the creation of spaces of resistance for collective dialogue, awareness of reality and perspectives for change. It recognizes the limits imposed by bourgeois society, but defends action in the interstices of the system. It highlights the importance of psychologists taking a position in favor of the popular and oppressed classes, aware of their role in the struggle for the emancipation of workers exploited by capitalism.

**Keywords:** capitalism; neoliberal rationality; work; Psychology.

## Introdução

Na atualidade, presenciam-se profundas mudanças na materialidade das relações sociais. O capital mais do que nunca impõe suas contradições nas diversas esferas da vida dos indivíduos, limitando cada vez mais a possibilidade de movimentação para além de seu campo de dominação. Esse processo que adoce corpos e mentes, impulsiona a subjugação total da subjetividade aos ditames do mercado, tendo no neoliberalismo a expressão máxima da degradação político-ideológica burguesa.

Essas mudanças estruturais, dos últimos anos, potencializadas por crises cada vez mais constantes e profundas do capitalismo, têm efetivado o que Dardot e Laval<sup>5</sup> descreveram como a *nova razão do mundo*. Neste cenário, o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível e do rentismo surgem como necessidades para a própria reprodução capitalista. Para Antunes<sup>6</sup> estas mudanças têm provocado profundas modificações na dinâmica do mundo do trabalho, acarretando um alto índice de desemprego estrutural, um número crescente de trabalhadores em situações precárias, além de uma degradação da relação metabólica entre a humanidade e a natureza devido à ênfase na produção de mercadorias e na busca pelo lucro.

Nesta conjuntura, a lógica da precarização vai se tornando regra, atingindo as múltiplas dimensões de vida dos sujeitos. E o Estado de Bem-Estar Social keynesiano que anteriormente representava uma resposta às necessidades dos próprios países capitalistas centrais, especialmente durante sua rivalidade com o bloco socialista, perde gradualmente seu espaço devido ao colapso da União

---

<sup>5</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

<sup>6</sup> ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

Soviética e à intensificação das crises cíclicas inerentes ao sistema capitalista<sup>7</sup>. A degradação destas proteções sociais aos trabalhadores(as) leva ao avanço das políticas neoliberais, flexibilizando as legislações e o poder mediador do Estado. O “capitalismo flexível”, de acordo com Sennett<sup>8</sup>, usa a flexibilidade como uma maneira de oprimir e impor controle sobre as pessoas e seu trabalho.

Em países periféricos do capitalismo, como o Brasil, a superexploração da força de trabalho tem sido intensificada, impulsionada por uma burguesia submissa ao capital estrangeiro, que se beneficia da precarização das condições de trabalho no neoliberalismo, em vez de promover o desenvolvimento nacional. Essa burguesia, como bem destaca Fernandes<sup>9</sup>, não está interessada em desenvolver o país, mas sim mantê-lo numa condição de dependência, favorecendo assim, seus próprios interesses de classe.

Neste cenário de flexibilização, o(a) trabalhador(a) passa a reproduzir sua força de trabalho para sobreviver. É neste momento em que o emprego formal se torna um privilégio, e o avanço da precarização e informalidade do trabalho uma necessidade para o capital se reproduzir em meio a sua crise sistêmica, que o trabalhador se vê cada vez mais subjugado em seu corpo e mente pelo trabalho. Como argumentam Dardot e Laval<sup>10</sup>, essa subjugação efetivada por uma racionalidade neoliberal, provoca a aceitação de uma condição de barbárie civilizatória, produzindo/reproduzindo cada vez mais subjetividades alienadas do gênero humano, perpetuando a lógica do sujeito individual.

Nesse contexto, o campo de atuação da Psicologia no trabalho não está isento das turbulências geradas pela cultura neoliberal. Se há um espaço formal do trabalho em que a cultura do neoliberalismo adentrou de forma significativa, trazendo consigo o programa formador do indivíduo neoliberal, esse lugar é a organização. Isto é particularmente verdadeiro no sentido em que a empresa tem sido adotada como um modelo padrão de racionalidade neoliberal<sup>11</sup>. E são nesses

<sup>7</sup> BUFFON, Marciano; COSTA, Bárbara Josana. **Do estado de bem-estar social para o neoliberalismo**. Rev. Estudos Legislativos, ano, v. 8, p. 103-127, 2014.

<sup>8</sup> SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

<sup>9</sup> FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa: ensaio de interpretação sociológica**. Editora Contracorrente, 2020.

<sup>10</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

<sup>11</sup> PINEDA, Félix. **Psicología organizacional crítica frente a los efectos del neoliberalismo cultural: una problematización de aspectos prácticos y epistemológicos**. Ciencia y Sociedad, v. 46, n. 1, p. 37-55, 2021. Disponível em: <https://revistas.intec.edu.do/index.php/ciso/article/view/2111>. Acesso em: 27 ago. 2023.

espaços que psicólogos tendem muitas vezes a reproduzir discursos que potencializam o sofrimento psicossocial da classe trabalhadora.

Nessa condição, a construção de um discurso organizacional híbrido que amalgama elementos da Economia e da Psicologia como base para os sistemas de gestão social no neoliberalismo, implicou uma completa reestruturação da linguagem do sofrimento psíquico. Para que essas disposições comportamentais neoliberais sejam verdadeiramente internalizadas, elas não podem ser meramente normas abstratas. Elas também devem transformar fundamentalmente nossa maneira de entender e categorizar os processos psicológicos. Isso envolve normatização de um tipo de conduta neoliberal, nos quais conceitos como "cooperação", "comunicação" e "reconhecimento" são empregados como instrumentos para otimizar a produtividade do capital<sup>12</sup>.

Essa lógica desumanizadora imposta pelo capitalismo também encontra sua reprodução no âmbito da Psicologia brasileira. Conforme Bock<sup>13</sup>, a trajetória histórica da Psicologia no país, desde o início do século XX, sempre esteve intimamente ligada aos interesses de classe da burguesia nacional. As teorias e práticas tradicionais da Psicologia, especialmente nas áreas organizacional e educacional, foram produzidas pela necessidade de ajustar os indivíduos às múltiplas mudanças sociais impulsionadas pelo avanço do sistema capitalista. Isso levou à categorização, distinção e classificação das pessoas, identificando aquelas que se encaixavam no perfil considerado "adequado" para determinadas posições. Nos tempos atuais, o discurso psicológico no âmbito do trabalho desempenha um papel na validação do neoliberalismo como o sistema que governa a vida dos indivíduos, por meio das normas empresariais<sup>14</sup>.

Isso nos coloca questões pertinentes sobre a própria prática psicológica. Partindo, então, da relação Psicologia e trabalho como campo de atuação que se preocupa com a dimensão humano-trabalho e considerando a heterogeneidade

---

<sup>12</sup> SAFATLE, Vladimir. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral.** In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 11-38.

<sup>13</sup> BOCK, Ana Mercês Bahia. **Perspectivas para a formação em psicologia.** *Psicol. Ensino & Form., São Paulo*, v. 6, n. 2, p. 114-122, 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nr m=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nr m=iso)>. Acesso em 17 abr. 2023.

<sup>14</sup> SAFATLE, Vladimir. **A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral.** In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.* Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 11-38.

epistemológica, conceitual, metodológica, técnica e seu caráter multi e interdisciplinar<sup>15</sup>, nos perguntamos: o que pode a prática da Psicologia no trabalho frente a uma realidade de subjugação racional da subjetividade ao capital cada vez mais intensa?

O objetivo deste ensaio teórico é apresentar algumas reflexões acerca do assunto, explorando nos segmentos subsequentes as facetas da deterioração da vida e do trabalho enquanto estratégia neoliberal, as consequências subjetivas e o surgimento de adoecimento mental provenientes da precarização e flexibilização do trabalho nesse contexto. Por último, discute-se alguns caminhos possíveis que podem nos auxiliar a conceber formas de atuação da Psicologia no âmbito do trabalho que contribuam para a superação de uma investida cada vez mais intensa do neoliberalismo enquanto lógica do capitalismo.

### **Precarização da vida e do trabalho como estratégia de uma racionalidade neoliberal**

Primeiramente é importante discutirmos as formas como o neoliberalismo se efetiva, como um modo de existência próprio da atual fase do desenvolvimento capitalista. Para além da supressão de políticas sociais e direitos trabalhistas conquistados através de lutas árduas pela classe trabalhadora, ele cria formas de existência, relações interpessoais e produz subjetividades alienadas que reproduzem a dinâmica desumanizadora da lógica neoliberal.

Destacamos que a alienação é um fenômeno histórico próprio da sociedade onde impera a divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção. A alienação do trabalho no capitalismo é abordado por Marx<sup>16</sup> nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos*. Neste texto, o autor argumenta que o caráter capitalista de produção necessariamente produz um tipo de trabalho alienado e estranhado. O trabalhador se defronta com o produto do seu trabalho, de forma a não se identificar com o mesmo, produzindo um estranhamento; o trabalhador tampouco se reconhece nos produtos produzidos, seu trabalho torna-se apenas forma de produzir mercadorias, torna-se alheio a elas, pois não se reconhece no

---

<sup>15</sup> LEÃO, Luís Henrique da Costa. **Psicologia do Trabalho**: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

<sup>16</sup> MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Boitempo Editorial, 2015.

processo de produção. Na fase atual do capitalismo, caracterizada pelo neoliberalismo e pela flexibilização e precarização do trabalho, o processo de alienação atinge níveis extremos. As condições de vida e trabalho se tornam cada vez mais desumanas e subjugam ainda mais a subjetividade dos trabalhadores, separando-os mais do que nunca do processo produtivo.

Para Dardot e Laval<sup>17</sup>, a questão em jogo é a maneira como vivemos e nos comportamos, tanto com os outros como conosco. O neoliberalismo estabelece uma norma de vida nas sociedades ocidentais e em outras sociedades que seguem o caminho da “modernidade” do capital. Essa norma exige que vivamos em um ambiente de competição generalizada, coloca trabalhadores e populações em luta econômica uns contra os outros, organiza as relações sociais com base no modelo de mercado e exige justificativas para desigualdades cada vez mais profundas. Além disso, essa norma influencia até a forma como os indivíduos se concebem e se comportam, encorajando-os a pensar e agir como se fossem empresas.

Por este lado, cabe pensarmos o neoliberalismo para além do lugar comum da ideologia ou da política econômica, em nossa sociedade atual, ele é principalmente uma *racionalidade* que busca estruturar e organizar não só as ações dos governantes dentro de uma sociedade regida pelo capital, mas também a própria conduta dos governados. Sobre esta racionalidade neoliberal, Dardot e Laval<sup>18</sup>, no livro *A nova razão do mundo*, argumentam que a lógica do neoliberalismo é caracterizada principalmente pela promoção da competição como regra de comportamento e da empresa como padrão de identificação. O neoliberalismo representa a base do atual sistema capitalista, uma forma de capitalismo que se desvinculou de suas características arcaicas e que é plenamente reconhecido como desenvolvimento histórico e um padrão global de vida. O neoliberalismo pode ser compreendido como um conjunto de ideias, práticas e estruturas que estabelecem um novo método de governar as pessoas, seguindo o princípio universal da concorrência.

Há, portanto, no neoliberalismo a própria razão do capitalismo contemporâneo, que só consegue se reproduzir através do domínio geral da vida dos sujeitos. Nesta nova era de domínio de corpos e mentes, o capital se despede de qualquer roupagem mistificadora e passa a agir livremente, devorando toda e qualquer forma de existência não capitalizada. A racionalização da lógica do

<sup>17</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

<sup>18</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

mercado, é a expressão máxima do neoliberalismo, que se efetiva na dimensão concreta da vida dos sujeitos, em suas relações sociais.

Para Ferreira<sup>19</sup>, na era neoliberal, há influências que dão forma às estruturas e aos sistemas de gestão das práticas competitivas, bem como aos métodos "inovadores" de flexibilização e à crescente precariedade que afetam profundamente o domínio do emprego, tendo amplos impactos nas vidas dos trabalhadores e na sociedade em geral. Esses aspectos estão interligados por normas sistêmicas da mentalidade neoliberal que se espalhou globalmente, aplicando a lógica capitalista a todas as relações sociais e esferas da existência.

Destacamos que durante as últimas quatro décadas, ocorreu uma mudança global no sistema capitalista. A acumulação flexível tornou-se dominante e resultou na quebra dos padrões tayloristas-fordistas, que entraram em crise no seu padrão de acumulação. Diante dos obstáculos à acumulação, surgiram medidas que combinaram velhas e novas formas de exploração do trabalho, redesenhando a divisão internacional do trabalho e alterando significativamente a composição da classe trabalhadora em escala global. Um número cada vez menor de corporações transnacionais, fortemente ligadas ao capital financeiro e com grande mobilidade global, passou a impor à classe trabalhadora em diferentes países do mundo salários e condições de vida cada vez mais precárias<sup>20</sup>. Essa mudança, impulsionada pela racionalidade neoliberal, gerou um novo modo de trabalho e estilo de vida caracterizados pela flexibilização e precarização do trabalho.

Antunes<sup>21</sup>, ainda afirma que as empresas passaram a ser controladas principalmente pelo capital financeiro e rentista, o que tem influenciado as práticas e a gestão do trabalho. Isso levou o Estado a desempenhar um papel cada vez mais relevante na gestão dos negócios da burguesia, cujos governos frequentemente buscam desregular mercados, especialmente os financeiros e de trabalho. Como resultado, a lógica financeiro-rentista se tornou hegemônica e tem afetado não apenas a esfera econômica, mas também a vida social, modificando as formas

---

<sup>19</sup> FERREIRA, João Batista. A máquina do mundo neoliberal: capturas e resistências à precarização da subjetividade e da vida no trabalho. In: CASTRO, Fernando Gastal; FERREIRA, João Batista. **Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva**. (Orgs.) Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. p. 40-70.

<sup>20</sup> ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>21</sup> ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

de relações no trabalho e na vida dos indivíduos, tornando-as mais vulneráveis, efêmeras e dispensáveis.

O processo de acumulação flexível, em sua fase neoliberal, tem gerado profundas mudanças no mercado de trabalho, que incluem a instabilidade constante, a intensificação da competição e a diminuição do poder de compra dos trabalhadores. Além disso, a grande quantidade de mão de obra excedente, composta por desempregados, subempregados e trabalhadores precarizados na economia informal, enfraquece o poder sindical e aumenta a fragmentação da classe trabalhadora, dificultando a união em torno de interesses comuns<sup>22</sup>. Como resultado, o mercado de trabalho se torna mais desigual e vulnerável, afetando principalmente os trabalhadores mais pobres e menos qualificados.

Nesse cenário, o Brasil adotou o neoliberalismo mais tarde do que outros países latino-americanos, devido a desafios na conciliação de interesses das várias facções do capital e à forte atividade política das classes trabalhadoras nos anos 1980. Todavia, a mobilização política da classe trabalhadora não conseguiu impor um projeto alternativo dominante. Eventualmente, o neoliberalismo ganhou força ao longo dos anos 1980, e principalmente após a eleição de Fernando Collor em 1989, as diferentes facções do capital se uniram em torno do projeto neoliberal. A vitória do neoliberalismo reconfigurou as relações políticas e econômicas, impulsionando a transnacionalização dos grandes grupos econômicos nacionais e evidenciando a dependência em relação aos fluxos de capital internacional. A fração hegemônica do bloco dominante passou a incluir o capital financeiro internacional, grupos econômicos nacionais e o capital produtivo multinacional<sup>23</sup>.

Dessa maneira, a partir da década de 1990, no Brasil, ocorreram intensas transformações advindas da nova divisão internacional do trabalho impostas pelo modelo neoliberal. O país, como parte dos países de industrialização dependente, instituiu baixos salários, jornadas de trabalho prolongadas e desorganização sindical. Assim, com a vitória do neoliberalismo nessa época, ocorreu um processo

---

<sup>22</sup> ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. **Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador**. São Paulo em Perspectiva, v. 17, p. 3-10, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/P87NC7ZMqpygmR9t3gBG8yh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>23</sup> FILGUEIRA, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: **Neoliberalismo y sectores dominantes: tendencias globales y experiencias nacionales**. BASUALDO, Eduardo; ARCEO, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. 2006. ISBN: 987-1183-56-9  
Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/basua/C05Filgueiras.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

de reestruturação produtiva que combinou elementos herdeiros do fordismo com novos mecanismos de acumulação flexível, como a introdução de programas de qualidade total, sistemas *just-in-time* e *kanban* e ganhos salariais vinculados à lucratividade e produtividade. Esse processo resultou em uma intensificação da precarização das condições de trabalho e vida dos trabalhadores brasileiros, como a flexibilização e a informalidade<sup>24</sup>. É nessa dinâmica do capitalismo periférico e dependente brasileiro que o neoliberalismo impôs níveis extremos de superexploração da força de trabalho.

De acordo com Dejours<sup>25</sup>, o neoliberalismo trouxe consigo novas formas de organização e gestão do trabalho, que priorizam a lucratividade em detrimento da subjetividade do trabalhador. Essa abordagem valoriza apenas o trabalho visível e quantificável, enquanto a saúde, segurança e bem-estar do indivíduo são ignorados. Essa realidade pode ser vista claramente nas relações de trabalho cada vez mais precárias e exaustivas, como as encontradas em aplicativos de entrega ou mobilidade (trabalhos uberizados), em que os trabalhadores são privados de seus direitos fundamentais.

Destarte, essa nova dinâmica no trabalho, que envolve maior robotização e desenvolvimento das forças produtivas, proporcionando flexibilizações nas próprias relações formais de trabalho, tem gerado a criação de categorias informais e precárias, que não possuem qualquer tipo de proteção trabalhista<sup>26</sup>. É importante frisar que este movimento é muito mais intenso em países de capitalismo dependente como os da América Latina. O Brasil é um notável exemplo dessa racionalidade neoliberal que age de maneira violenta contra as necessidades e desejos da classe trabalhadora de seu próprio país.

De acordo com Dowbor<sup>27</sup> a dinâmica econômica brasileira é adaptada às fórmulas que geram o trabalho precário e o desemprego, criando processos de

---

<sup>24</sup> ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>25</sup> DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação**. Production, v. 14, p. 27-34, 2004. Disponível em: <https://www.prod.org.br/doi/10.1590/S0103-65132004000300004>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>26</sup> ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. Serviço Social & Sociedade, p. 407-427, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/cbc3JDzDvxTqK6SDTQzJJLP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2023.

<sup>27</sup> DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta**. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

exploração cada vez mais intensos. Nesta perspectiva, Safatle<sup>28</sup> argumenta que a legitimação dessa racionalidade destrutiva do neoliberalismo se dá através da produção de "sujeitos neoliberais", que reproduzem o discurso do sujeito individual como forma de validar sua situação de exploração. Esse processo de alienação nega a dimensão contraditória e perversa do capital, produzindo culpabilização e sofrimento psíquico.

A visão individualista e simplista das relações de trabalho é um aspecto central do neoliberalismo como racionalidade, incentivando a responsabilização individual perante as contradições inerentes do próprio capitalismo. Entretanto, apesar de os trabalhadores serem encorajados a se verem como empreendedores e acreditarem que têm controle sobre suas vidas profissionais, a realidade das condições de trabalho e da exploração frequentemente contradiz essa narrativa.

A realidade do mundo do trabalho, transpassada pela racionalidade neoliberal, exige uma reflexão profunda sobre as condições nas quais os trabalhadores realizam seu trabalho. O avanço do capitalismo e de suas lógicas destrutivas torna ainda mais urgente a necessidade de questionar as práticas e o sentido do trabalho, buscando novas formas de ser e agir no ambiente laboral<sup>29</sup>. É importante reconhecer que o neoliberalismo impacta as diversas esferas da vida dos sujeitos, mas é na relação com o trabalho que ele efetiva uma de suas facetas mais cruéis e adoecedoras.

### **Neoliberalismo e a flexibilização-precarização do trabalho: efeitos subjetivos e adoecimento**

A atual dinâmica neoliberal do capital efetiva com cada vez mais agressividade relações de trabalho extremamente adoecedoras, com um alto impacto na construção subjetiva dos sujeitos. A competição exacerbada e a busca por maximização de lucros a todo custo levam à intensificação do ritmo de trabalho e à flexibilização das relações de produção, o que se traduz em precarização e instabilidade laboral. Essa lógica se estende para além do ambiente de trabalho,

<sup>28</sup> SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

<sup>29</sup> MUNIZ, Hélder Pordeus; TEIXEIRA, Emerson Moraes; SILVA, Cláudia Osório da. **Desafios colocados pelas estratégias neoliberais de precarização do trabalho para a pesquisa-intervenção voltada para a transformação das situações de trabalho**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 23, n. 1, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163539>. Acesso em 24 abr. 2023.

afetando a vida pessoal e familiar dos trabalhadores, que muitas vezes precisam se submeter a jornadas exaustivas e desreguladas para garantir sua subsistência. Nesta dinâmica, o processo de alienação do trabalho é potencializado, tornando um imperativo nas diversas esferas de vida dos trabalhadores.

Diante disso, a flexibilidade e precarização são fatores chave nas mudanças na sociabilidade do capitalismo contemporâneo e se manifesta na diminuição das fronteiras entre trabalho e vida privada, na flexibilização da legislação trabalhista e nas diferentes formas de contratação da força de trabalho. Isso resulta em desemprego estrutural, sensação de que o tempo foi comprimido, jornadas de trabalho mais densas e indivíduos desempenhando tarefas anteriormente realizadas por mais trabalhadores. Além disso, a flexibilidade também é visível nos bancos de dias e horas, parcelas variáveis do salário e metas de produção e qualidade<sup>30</sup>.

Antunes<sup>31</sup> argumenta que a flexibilização e precarização do trabalho, faces do mesmo processo neoliberal, são fatores que contribuem significativamente para o adoecimento físico e mental dos trabalhadores na atualidade. Esses processos de adoecimento estão relacionados ao aumento da individualização do trabalho e à ruptura dos laços de solidariedade entre os trabalhadores. Essa falta de solidariedade diminui a capacidade dos trabalhadores de acionar estratégias coletivas de defesa, o que contribui para o adoecimento psíquico. O resultado é um domínio do trabalho alienado que é altamente adoecedor e que impossibilita o desenvolvimento de outra sociabilidade do trabalho. O aumento dos casos de adoecimento e de suicídio no ambiente de trabalho está diretamente relacionado a essa falta de solidariedade e à flexibilização e precarização do trabalho, que estabelecem em definitivo a separação entre produto e produtor no processo produtivo.

Para Dejours<sup>32</sup> a ocorrência de um suicídio no ambiente de trabalho evidencia que todas as formas de assistência recíproca e solidariedade, que anteriormente serviam como medidas preventivas contra fatores de adoecimento psíquico, foram gradualmente excluídas das práticas e da rotina laboral. Em seu lugar, surgem processos individualizantes, que rompem com a prática coletiva no trabalho. Agora,

---

<sup>30</sup> ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>31</sup> ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

<sup>32</sup> DEJOURS, Christophe; BÈGUE, Florence. **Suicídio e trabalho**: o que fazer? (F. Soudant, Trad.). Brasília: Paralelo. 2010.

quando um colega enfrenta dificuldades, já não há uma oferta de ajuda; um único suicídio no local de trabalho, ou diretamente relacionado a ele, sinaliza uma profunda desintegração das relações de apoio mútuo, indicando a deterioração significativa da coexistência coletiva.

Portanto, o processo de individualização, fundamental para a efetivação da racionalidade neoliberal no trabalho, produz uma desagregação profunda na coletividade e no senso de solidariedade da classe trabalhadora. O que resulta em adoecimentos psíquicos cada vez mais agudizados, sendo o suicídio a expressão mais radicalizada da deterioração das condições de trabalho no capitalismo.

Destacamos ainda, que a precariedade dos contratos de trabalho cujo efeito é a fragmentação dos coletivos, fragiliza as relações de confiança e produz uma sobrecarga permanente, pois os trabalhadores precisam tomar para si a responsabilidade pessoal de gerir o seu trabalho e vigiar o trabalho dos outros, em vez de contar com um suporte coletivo<sup>33</sup>. Essa dinâmica produz constantemente um ambiente de pressão no trabalho, que impossibilita os trabalhadores se apoiarem mutuamente.

Neste aspecto, a crescente instabilidade do mercado de trabalho, resultante das contradições da expansão do capital e da frequente ocorrência de crises, juntamente com a racionalidade neoliberal que privilegia os trabalhadores mais qualificados (flexíveis), tem levado a essa fragmentação da subjetividade e ao individualismo exacerbado. Nesse âmbito, o sujeito não se reconhece no outro, e a selvageria do capital se manifesta em toda sua intensidade<sup>34</sup>. Essa fragmentação impulsiona a lógica de mercado, que captura a subjetividade numa lógica adoecedora, que independe da aceitação ou não do produtivismo e da competição exacerbada como únicos modos de existir nessa sociedade.

Dardot e Laval<sup>35</sup> abordando a dinâmica neoliberal de subjogação da subjetividade, falam da produção um “sujeito-empresarial”, que acima de tudo louva a iniciativa privada e o discurso do empreendedorismo como possibilidade de mudança de vida no capitalismo. O empreendedorismo surge como uma busca

---

<sup>33</sup> MUNIZ, Hélder Pordeus; TEIXEIRA, Emerson Moraes; SILVA, Cláudia Osório da. **Desafios colocados pelas estratégias neoliberais de precarização do trabalho para a pesquisa-intervenção voltada para a transformação das situações de trabalho.** Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 23, n. 1, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163539>. Acesso em 24 abr. 2023.

<sup>34</sup> COSTA, Euler Oliveira Cardoso da. **Subjetividade, fetiche ou feitiço: escola pública e o capitalismo neoliberal.** In: ARRUDA, R. (org). Trabalho, subjetividade e formação humana em tempos de reestruturação do capitalismo. UERJ, LPP. 2018. p. 224.

<sup>35</sup> DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo.** Boitempo editorial, 2017.

constante por oportunidades de lucro, efetivando uma forma de resistência a qualquer tipo de interferência externa. Nesse ideário, todos nós somos, de certo modo, empreendedores, tendo aprendido a nos governar como tal por meio do jogo do mercado. Esse fato também implica que, se o mercado é visto como um espaço livre para os empreendedores, todas as relações humanas podem ser afetadas por essa mentalidade empresarial, que é parte constitutiva do ser humano.

Enfatizamos que é necessário pensarmos as consequências diretas e indiretas que esse discurso neoliberal produz para o desenvolvimento da subjetividade. A validação do esforço individual, do trabalhar mais que outros, da dinâmica de um regime de metas de trabalho, potencializa cada vez mais a competição, e conseqüentemente o adoecimento mental do trabalhador. O neoliberalismo produz subjetividades em que o sucesso e a realização pessoal são medidos a partir de uma lógica individualista e meritocrática, que naturaliza a competição e desconsidera as condições sociais e estruturais que influenciam na trajetória de vida dos sujeitos. Essa lógica produz indivíduos que se sentem responsáveis por seus próprios fracassos e, ao mesmo tempo, justifica a concentração de poder e riqueza nas mãos de poucos. É importante compreender que a dinâmica neoliberal não se restringe apenas à esfera econômica, mas se estende para a produção de subjetividades e relações sociais, afetando diretamente a qualidade de vida e a dignidade dos trabalhadores.

Conforme Antunes<sup>36</sup>, o discurso de aceitação de uma situação de precarização, como ocorre muito nos trabalhos ditos “uberizados”, são sintomas evidentes da superexploração da força de trabalho da classe trabalhadora no neoliberalismo. Para o autor, a uberização se configura como uma transformação em que as formas de trabalho passam a ser cada vez mais individualizadas e camufladas, dando a impressão de serem serviços prestados, enquanto ocultam as relações de subordinação e superexploração do trabalho assalariado, próprias do modelo neoliberal. É comum nessas formas de trabalho uma jornada exaustiva e adoecedora, mas muitas vezes legitimada pelo trabalhador, pelo discurso do empreendedor-de-si-mesmo.

Nesta perspectiva, a emergência da uberização como um fenômeno contemporâneo é resultado direto da crise econômica do capitalismo em sua fase neoliberal, na qual o avanço sob as forças produtivas afeta estruturalmente diversos

---

<sup>36</sup> ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. Boitempo Editorial, 2020.

setores e torna certas categorias de trabalhadores e serviços obsoletos. Isso leva à expulsão desses trabalhadores de seus empregos e à intensificação de relações de trabalho cada vez mais flexíveis, culminando em trabalhadores psicologicamente fragilizados<sup>37</sup>. De acordo com Macedo, Costa e Justo<sup>38</sup>, a dinâmica subjacente aos novos modelos de vínculos trabalhistas, conhecidos como "trabalhos uberizados", que estão associados a uma maior flexibilização das leis trabalhistas no Brasil, tendem a potencializar ainda mais esses processos. O que antes era considerado trabalho precário agora é visto como uma forma moderna de relação de trabalho.

É nessa lógica desumanizadora de flexibilidade e precarização, com relações de trabalho cada vez mais desestruturadas e adoecedoras que a Psicologia tradicional se insere como instrumento para o bem-estar do trabalhador. Mas como pensamos o papel da Psicologia nesse cenário? Como ela pode contribuir para a superação do neoliberalismo como racionalidade? São questões que atravessam a prática da Psicologia no campo do trabalho, prática esta que esbarra nas contradições estruturais do capitalismo do qual faz parte.

### **Afinal, o que pode a Psicologia no Trabalho frente a racionalidade neoliberal?**

Para discutir o tema em questão, é essencial contextualizar a constituição histórica da Psicologia como área que se insere no trabalho. É importante ressaltar que, como em outras áreas da Psicologia tradicional, sua origem está relacionada à necessidade da classe burguesa de justificar sua dominação de classe. Essa justificativa foi construída por meio de uma abordagem fragmentada da realidade, que enfatizava aspectos individuais e psicológicos dos trabalhadores em detrimento das condições objetivas de trabalho e da exploração capitalista. Esse processo não é exclusivo da Psicologia, mas sim um sintoma de uma decadência ideológica burguesa presente em diversas áreas do conhecimento. É importante destacar que essa visão fragmentada e formal da realidade não é neutra, mas sim uma forma de legitimar a exploração e opressão da classe trabalhadora pelo capitalismo.

---

<sup>37</sup> DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta**. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

<sup>38</sup> MACEDO, Abílio Rezende; COSTA, Felizardo Tchiengo Bartolomeu; JUSTO, José Sterza. **O mototaxista no mundo do trabalho: precarização, desemprego e informalidade**. Revista Subjetividades, v. 19, n. 1, p. 7257, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e7257>. Acesso em: 24 abr. 2023.

Em Lukács<sup>39</sup>, essa fragmentação formal do conhecimento científico, baseado na crítica de Marx à burguesia que estava se consolidando no poder durante a Revolução Industrial (1760 - 1840), é discutida a partir de sua transformação político-ideológica. Para o autor, nesta fase, ocorre uma negação das contradições materiais da realidade, passando para uma busca de mitigação dos conflitos sociais, em consonância com as necessidades econômicas e políticas. De maneira intencional, efetuava-se uma instrumentalização da ciência, impossibilitando-a de compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade, eliminando as contradições que pudessem ser esclarecidas, e se refugiando em interpretações pseudo-históricas, que não abarcavam o movimento real da realidade concreta.

Sob essa perspectiva, salientamos que a Psicologia como área que se preocupa com o trabalho surge necessariamente com essa efetivação da sociedade burguesa, que se dá a partir da Revolução Industrial e das transformações das relações sociais e técnicas desse período. A Revolução Industrial trouxe mudanças significativas no contexto do trabalho, incluindo novas formas de trabalho e administração, perfis de trabalhadores e capacitação. Foi nesse período que a Psicologia se insere no trabalho, inicialmente voltada para seleção de pessoas e produtividade, evoluindo posteriormente para estudar comportamento nas organizações, motivação e comunicação.

Para Leão<sup>40</sup>, a trajetória de surgimento, desenvolvimento e consolidação do campo da Psicologia no trabalho não ocorre de forma linear e progressiva, com um refinamento gradual da área. Ao contrário, as relações entre Psicologia e trabalho assumiram contornos diversos, direções e ramificações distintas em função de cenários geográficos, políticos, científicos e econômicos diversos ao longo dos séculos XX e XXI. Em cada contexto e período, houve mudanças que conferiram novas características à maneira como a Psicologia compreende, pesquisa e intervém no trabalho.

Nesse ponto concordamos com Leão<sup>41</sup> que afirma que o âmbito da Psicologia relacionado ao trabalho é amplamente reconhecido como um campo abrangente de compreensão e intervenção sobre o trabalho e as organizações, englobando na

<sup>39</sup> LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. Civilização Brasileira, 1968.

<sup>40</sup> LEÃO, Luís Henrique da Costa. **Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais**. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

<sup>41</sup> LEÃO, Luís Henrique da Costa. **Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais**. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

literatura científica, diferentes designações, como: Psicologia do trabalho, Psicologia organizacional e do trabalho, clínica do trabalho, Psicologia do trabalho e organizacional, comportamento organizacional, Psicologia aplicada ao trabalho, e muitas outras. Essa variedade de terminologias não apenas aponta para as limitações das rotulações, mas também para a diversidade de teorias e práticas que influenciam a interseção entre a Psicologia e o trabalho.

Apesar das diversidades terminológicas mencionadas, é pertinente explorar de maneira concisa a evolução dessa vertente dentro da Psicologia. No período entre 1924 e 1970, surgiram as primeiras investigações, análises e experimentações na área que então era referida como Psicologia industrial, de forte influência britânica e estadunidense. O objetivo principal era otimizar os lucros e a eficiência através da aplicação de princípios psicométricos, adequando os trabalhadores às demandas produtivas visando maximizar a produtividade. Essa abordagem focava a análise, na classificação e seleção dos trabalhadores, caracterizando-se por um conjunto de métodos e discursos destinados ao controle e disciplina no trabalho<sup>42</sup>.

Posteriormente, a partir da década de 1970, surgiu a Psicologia organizacional, que passou a se concentrar no clima organizacional e na qualidade de vida no trabalho, uma vez que a qualidade de vida dos trabalhadores se tornou um tema crucial e altamente funcional para as empresas que buscavam aumentar seus lucros por meio do aumento da produtividade dos funcionários. Embora tenha certos elementos em continuidade com a Psicologia industrial, as mudanças no modelo de produção, como a transição do Taylorismo/Fordismo pelo Toyotismo, com novas formas de organização do trabalho e incorporação de tecnologia, informatização, flexibilidade em gestão e direitos sociais, entre outros, permitiram o surgimento de diferentes práticas no campo da Psicologia organizacional<sup>43</sup>.

Já na década de 1990, surge a fase da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT), que passa a se concentrar na promoção da saúde e bem-estar dos funcionários, na ergonomia, no poder e no conflito. Nessa fase, busca-se refletir sobre a diversidade da área e propor a existência de dois grandes eixos de fenômenos que envolvem aspectos psicossociais: as organizações, que funcionam como ferramentas sociais para a formação de coletivos humanos, e o trabalho, que

<sup>42</sup> LEÃO, Luís Henrique da Costa. **Psicologia do Trabalho**: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

<sup>43</sup> LEÃO, Luís Henrique da Costa. **Psicologia do Trabalho**: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

é a atividade básica do ser humano e contribui para a reprodução da existência e da sociedade<sup>44</sup>. Nessa perspectiva, os fenômenos organizacionais são considerados como processos psicossociais que influenciam a vida dos indivíduos e o funcionamento das sociedades<sup>45</sup>.

Na América Latina, essas formas hegemônicas de desenvolvimento da relação da Psicologia e o trabalho também tiveram grande influência ao longo de todo o século XX, entretanto, houveram também processos muito próprios e regionais que marcaram a área. Martín-Baró<sup>46</sup> enfatiza que é importante destacar três características que influenciaram a forma como a Psicologia latino-americana compreendeu o mundo do trabalho. Em primeiro lugar, a Psicologia tendeu a utilizar o marco social da família como referência fundamental para a análise psicológica, deixando o trabalho em segundo plano. Além disso, a perspectiva adotada pela Psicologia ao explorar o mundo do trabalho foi a dos setores dominantes, como patrões, proprietários e diretores, com a intenção de acoplar o trabalhador às exigências produtivas em vez de adequar a produção às necessidades do trabalhador. Por fim, o bem-estar do trabalhador foi considerado instrumentalmente como uma função de sua eficiência, ao invés de se considerar a eficiência do trabalho como uma mediação entre outras para o desenvolvimento e humanização do trabalhador.

No Brasil em específico, a Psicologia que se relacionava com o trabalho teve sua origem no início do século XX, em resposta aos avanços técnicos e industriais. Ela se constituía como psicotécnica e tinha como objetivo adaptar os trabalhadores às exigências da produção para obter máxima produtividade. Essa Psicologia enfatizava a examinação, classificação, seleção e se constituía como um conjunto de discursos e práticas de submissão e controle. As ênfases psicométricas e psicotécnicas dessa Psicologia foram predominantes até a década de 1960, quando outras influências começaram a conformar novas concepções e práticas sobre a

---

<sup>44</sup> BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Psicologia organizacional e do trabalho: Que respostas estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira? In: O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Eds.) **Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e da prática psicológica** (pp. 139-166). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. 2003.

<sup>45</sup> ZANELLI, José Carlos; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt (Orgs.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

<sup>46</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia Política do Trabalho na América Latina**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 14, n. 31, p. 609-624, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 maio 2023.

relação entre Psicologia e trabalho, como a educação e treinamento das organizações, entre outras<sup>47</sup>.

Esse trabalho de classificação dos indivíduos no contexto brasileiro, parece ter sido crucial para a aceitação da Psicologia naquele período. O interesse pelo desenvolvimento do conhecimento psicológico se baseou principalmente na capacidade da Psicologia de identificar sujeitos considerados válidos ao nascente processo de industrialização, seguindo uma perspectiva universal de sujeito que pouco considerava a realidade social. Nos primeiros anos da profissão, essa abordagem foi predominante, o que resultou em pouca atenção à realidade social. A categoria de psicólogos também se formou de maneira fragmentada, com pouca presença pública e falta de organização para a participação política<sup>48</sup>.

Durante as décadas seguintes, como afirma Bock et al.<sup>49</sup>, novas circunstâncias históricas surgiram e permitiram o desenvolvimento de um novo projeto profissional, com forte compromisso social. Estas condições, que incluíram a resistência à ditadura militar e a rejeição da dominação do pensamento estadunidense na Psicologia, foram particularmente evidentes no Brasil nos anos 1970, e se consolidaram no processo de redemocratização do país em meados dos anos 1980, ampliando-se ainda mais nos anos 1990. Ao final do século XX, essa Psicologia passou por um processo crítico de revisão para estabelecer um projeto ético-político que abordasse a realidade histórica latino-americana em geral e brasileira em particular.

Neste cenário, a Psicologia do Trabalho também passaria por mudanças significativas, se inserindo em um debate mais crítico sobre sua própria forma de atuação, principalmente com o desenvolvimento e fortalecimento da Psicologia Social do Trabalho (PST).

A Psicologia Social do Trabalho (PST) surgiu em um momento de convergência de várias forças, durante o período de redemocratização no país, como resposta à necessidade de abordar os problemas sociais através de uma

---

<sup>47</sup> LEÃO, Luís Henrique da Costa. Psicologia do Trabalho: **aspectos históricos, abordagens e desafios atuais**. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

<sup>48</sup> BOCK, Ana Mercês Bahia, et al. **O Compromisso Social da Psicologia e a Possibilidade de uma Profissão Abrangente**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, n. spe, p. e262989, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gLBYMVzGTHFynJJzjhW9x8t/?lang=pt#>. Acesso em: 03 maio. 2023.

<sup>49</sup> BOCK, Ana Mercês Bahia, et al. **O Compromisso Social da Psicologia e a Possibilidade de uma Profissão Abrangente**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, n. spe, p. e262989, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gLBYMVzGTHFynJJzjhW9x8t/?lang=pt#>. Acesso em: 03 maio. 2023.

lente psicológica. A motivação para a formação da PST originou-se da indignação frente à injustiça e desigualdade presentes na sociedade brasileira, especialmente na exploração do trabalho. A PST não seguiu um plano preestabelecido, mas teve como objetivo primordial a melhoria das condições de vida e cidadania das pessoas, mesmo reconhecendo suas limitações. Essa abordagem, alinhada às perspectivas críticas, foca na crítica à reificação das relações sociais, exploração do trabalho e restrições à vida. Não se trata de uma visão individualista, como no neoliberalismo, mas sim de um esforço pelo coletivo e pela cidadania, frequentemente negada no contexto brasileiro<sup>50</sup>.

Assim, pode-se perceber nitidamente que a construção da Psicologia como ciência e profissão e o desenvolvimento de suas diversas áreas de atuação, como a Psicologia do Trabalho, não segue um processo uniforme, mas sim caracteriza-se por conflitos, progressos e retrocessos que refletem as dimensões socioculturais dos contextos e indivíduos que a produzem. Entretanto, independente dessa constatação, é inegável que a Psicologia tradicionalmente tem servido aos interesses dominantes quando suas práticas se afastam dos povos e comunidades marginalizadas, e legitimam processos de alienação, de uma cada vez mais brutal racionalidade neoliberal, que violenta e desumaniza trabalhadores em suas existências.

É nesta dinâmica de um capitalismo cada vez mais brutalizador que nos questionamos sobre o que pode contribuir a Psicologia no trabalho frente a essa realidade de precarização da vida do trabalhador? Como primeiro ponto, argumentamos que é importante não permitir que a precarização do trabalho influencie negativamente nossa visão a ponto de não reconhecermos as possíveis oportunidades de transformação e luta presentes nas situações de trabalho. Ao comparar processos de trabalho de hoje com os de anos atrás, pode-se ter a tendência de acreditar que a dominação dos trabalhadores é total e que não há mais coletivos ou lutas, já que as expressões e formas de coletivos são distintas. No entanto, focar apenas nas consequências negativas do capitalismo em sua fase neoliberal pode impedir que sejam identificados novos processos de vida, experimentações e alternativas emergentes presentes na atividade do trabalho<sup>51</sup>.

<sup>50</sup> SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol. A perspectiva da psicologia social do trabalho. In: SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol (org). **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

<sup>51</sup> MUNIZ, Hélder Pordeus; TEIXEIRA, Emerson Moraes; SILVA, Cláudia Osório da. **Desafios colocados pelas estratégias neoliberais de precarização do trabalho para a**

Dessa forma, como bem destaca Monteiro et al.<sup>52</sup>, é imprescindível para o psicólogo do trabalho um olhar crítico, mas também estratégico sobre o espaço do trabalho. Sua intervenção não pode se pautar em processos de culpabilização do trabalhador, que acabam por reproduzir uma visão neoliberal individualizante de problemas organizacionais que são sociais. O psicólogo deve ter como fim de sua atividade a saúde do trabalhador, e para isso é preciso que sua prática alcance as políticas de gestão, defendendo que um trabalho carregado de sentido para o trabalhador, em um ambiente mais humanizado, favorece os dois lados.

Esses processos de negociação, avanços e recuos da prática psicológica no ambiente laboral, seja em organizações com contratos formais estabelecidos, ou em regimes de trabalhos uberizados, evidenciam os limites concretos da atuação do psicólogo inserido na lógica neoliberal de exploração do trabalho. Entretanto, para além de se pensar o que fazer, é fundamental pensar para quem esse fazer é direcionado. Nesta perspectiva, é no direcionamento de suas ações a favor da classe trabalhadora, que o psicólogo deve pautar sua prática, entendendo que seu trabalho tem consequências políticas significativas, podendo ser uma ferramenta para a emancipação dos trabalhadores enquanto classe<sup>53</sup>.

Martin-Baró<sup>54</sup>, defendia a ideia de que a consciência crítica é fundamental para a emancipação da classe trabalhadora e para a transformação social. Ele argumentava que o papel do psicólogo é o de potencializar processos de conscientização dos indivíduos sobre a realidade em que vivem, de forma que possam refletir criticamente sobre sua condição e sobre as possibilidades de mudança. O psicólogo não pode se colocar como um técnico neutro e descomprometido com a realidade social. Pelo contrário, ele deve estar engajado na luta pela transformação social, trabalhando junto às classes populares e marginalizadas, e contribuindo para a construção de um projeto coletivo de

---

**pesquisa-intervenção voltada para a transformação das situações de trabalho.** Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 23, n. 1, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163539>. Acesso em 24 abr. 2023.

<sup>52</sup> MONTEIRO, Janine Kieling et al. Os sentidos do trabalho em tempos de capitalismo neoliberal: como fica a saúde mental do trabalhador? In: CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda et al (org). **Psicologia Organizacional e do Trabalho: perspectivas teórico-práticas.** São Paulo: Vetor Editora. 2022.

<sup>53</sup> MONTEIRO, Janine Kieling et al. Os sentidos do trabalho em tempos de capitalismo neoliberal: como fica a saúde mental do trabalhador? In: CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda et al (org). **Psicologia Organizacional e do Trabalho: perspectivas teórico-práticas.** São Paulo: Vetor Editora. 2022.

<sup>54</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **O papel do psicólogo.** Estudos de psicologia (Natal), v. 2, p. 7-27, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 maio. 2023.

emancipação. O papel de conscientização do psicólogo, portanto, está relacionado à sua atuação como agente de mudança, que trabalha para a construção de uma outra sociedade. Essa atuação deve ser pautada pelo diálogo, pela escuta atenta e pela reflexão crítica sobre a realidade social na qual seu trabalho é constituído.

Essa dimensão de classe, como abordada por Baró, é central em nosso debate, pois necessariamente quando ele discute a prática do psicólogo ele também se dirige ao psicólogo no âmbito do trabalho, ao psicólogo que está em organizações privadas ou em instituições públicas. Pensar o processo de conscientização da classe trabalhadora é a contribuição fundamental do psicólogo como instrumento de superação de uma realidade de miséria cada vez mais potencializada pelo avanço da racionalidade neoliberal. O psicólogo em sua atuação com a classe trabalhadora, deve se comprometer com a luta social de superação do trabalho alienado, contribuindo para a construção de um projeto de transformação social que busque superar as desigualdades e opressões existentes na sociedade.

Por conseguinte, a questão da saúde mental no trabalho, também deve ser situada no contexto histórico em que cada sujeito elabora e efetiva sua existência, na rede de relações sociais. Dessa forma, para compreendermos sobre a saúde mental de cada indivíduo, é necessário analisarmos o movimento dialético que tem sua condição de existir externa ao sujeito, em outras palavras, concebendo a saúde mental, não como a encarnação do funcionamento individual interno, mas sim como a materialização do caráter humanizador ou desumanizador, de uma estrutura de relações históricas que se efetivam numa realidade determinada<sup>55</sup>.

Nesse sentido, contrariando a lógica neoliberal de individuação e alienação de processos coletivos, uma prática do psicólogo do trabalho realmente compromissada com a classe trabalhadora, deve ter como pressuposto necessário a desculpabilização dos sujeitos, através da conscientização de que os problemas de saúde mental não são um assunto de exclusividade individual, mas dizem respeito também a relações sociais, interpessoais e intergrupais que podem gerar crises nas pessoas, nos grupos, nas instituições ou em sociedades inteiras<sup>56</sup>.

Nesse aspecto, uma boa condição psíquica ou de saúde mental, têm suas determinações e nexos nas condições objetivas da sociedade. Como afirma

<sup>55</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. 1ª ed. Editora Vozes Limitada, 2017.

<sup>56</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. 1ª ed. Editora Vozes Limitada, 2017.

Martín-Baró<sup>57</sup>, em contextos sociais de desigualdade em que geralmente se desenvolve um fatalismo político e social, o psicólogo necessita tomar uma posição de classe ao lado da população oprimida, identificando e buscando junto da população formas coletivas de luta frente a essas desigualdades sociais. Dessa maneira, é essencial uma atuação que possibilite uma reestruturação de relações coletivas fragmentadas e desarticuladas no trabalho pelo neoliberalismo. Restabelecer os laços de solidariedade de classe corroídos pelo produtivismo exacerbado é condição *sine qua non* para a construção de uma outra sociabilidade do trabalho.

Monteiro et al.<sup>58</sup> argumenta sobre a necessidade da produção de espaços que possibilitem o mínimo de autonomia e de domínio sobre a atividade laboral. Locais de diálogo que proporcionem chances para uma convivência baseada na vivência do trabalho, permitindo que a atividade laboral seja uma finalidade em si mesma, resultando em uma experiência que tenha sentido para o indivíduo. Entretanto, é evidente que no atual cenário de precarização do trabalho estamos muito distantes dessa realidade. Nesse contexto, o principal desafio para os psicólogos que atuam com o trabalho é justamente promover a resistência aos processos de desumanização e a perda de significado psicológico e social do trabalho, visando criar ambientes laborais minimamente saudáveis e humanizadores. Esse deve ser o foco prioritário das intervenções psicológicas em contextos organizacionais.

Como podemos perceber a atuação do psicólogo tem seus limites, assim como qualquer outra ciência e profissão dentro do capital, todavia, argumentamos que limites não é o mesmo que impossibilidade de atuação. A construção de estratégias de intervenção que aceitem a existência do conflito capital-trabalho e que seja instrumento contra a exploração do trabalho devem ser pensadas sempre como meio para a superação da individualização da atividade do trabalho e o fortalecimento da solidariedade de classe. Isso passa diretamente por fortalecer processos de organização grupal em suas possibilidades concretas, e contribuir na organização de espaços de diálogo coletivo, no máximo que isso pode ser feito.

---

<sup>57</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **O papel do psicólogo**. Estudos de psicologia (Natal), v. 2, p. 7-27, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 maio. 2023.

<sup>58</sup> MONTEIRO, Janine Kieling et al. **Os sentidos do trabalho em tempos de capitalismo neoliberal: como fica a saúde mental do trabalhador?** In: CARVALHO-FREITAS, Maria Nivalda et al (org). Psicologia Organizacional e do Trabalho: perspectivas teórico-práticas. São Paulo: Vetor Editora. 2022.

Sobre esses aspectos Martín-Baró<sup>59</sup> comenta que é fundamental ressaltar a relevância do impacto político que o trabalho do psicólogo na empresa pode ter, tanto de maneira direta quanto indireta. Por exemplo, a determinação dos cargos não deve ser baseada exclusivamente na lógica interna da instituição ou na correlação entre funções e características individuais, mas deve também considerar o contexto social, político e cultural do país como um critério. Do contrário, o que aparenta ser uma adaptação à cultura organizacional pode, na verdade, se transformar em submissão política, e o que aparentemente consiste em um mero treinamento técnico pode resultar na internalização da alienação política e social. Caso a atuação do psicólogo do trabalho não inclua a conscientização como um dos objetivos e a participação ativa e organizada do trabalhador como um dos princípios fundamentais, existe o risco de se cair em um psicologismo distorcido e promotor da alienação política.

É de suma importância que o psicólogo compreenda o impacto político de sua atuação em uma organização, mesmo que essa empresa esteja atravessada de cima a baixo por uma racionalidade neoliberal mistificadora da realidade. Uma abordagem de Psicologia política do trabalho na América Latina deveria ter um enfoque crítico sobre o sistema de trabalho em vigor, com especial atenção aos setores populares, desfavorecidos em nossa sociedade.

É importante enxergá-los não como meros objetos de investigação, mas como sujeitos sociais e críticos do sistema. Essa abordagem tem um duplo propósito: por um lado, avaliar os processos de trabalho dos setores formais, que geralmente são o foco da Psicologia tradicional no Trabalho; por outro, descobrir as diversas formas de trabalho na chamada economia informal, que possibilitam a sobrevivência em condições objetivas infra-humanas, graças ao desenvolvimento de valores de solidariedade, cooperação, sobriedade, persistência, sensibilidade e capacidade de resistir a uma realidade de exploração. Essa atenção aos setores discriminados e marginalizados não só permite a compreensão de formas alternativas de trabalho, mas também exige uma reconsideração sobre a

---

<sup>59</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia Política do Trabalho na América Latina**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 14, n. 31, p. 609-624, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nr m=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nr m=iso)>. acessos em 03 maio 2023.

possibilidade de tecnologias mais adequadas para as circunstâncias sociais dos países latino-americanos e seus povos<sup>60</sup>.

Dessa forma, concordamos com Muniz, Teixeira e Silva<sup>61</sup> de que o objetivo não é afirmar que seja possível implementar completamente esses valores no sistema capitalista, mas sim acreditar na possibilidade de lutar por eles a partir de agora. Isso é fundamental para a construção de uma alternativa revolucionária à sociedade burguesa, que sacrifica seus valores democráticos em nome da ampliação do capital e da exploração desumana da força de trabalho, como ocorre atualmente no Brasil. O foco deve ser fortalecer a luta e não depositar esperanças em um reformismo que busca apenas melhorias superficiais nas condições de trabalho para dar uma falsa aparência de tolerância a uma realidade intolerável. A grande aposta está no fortalecimento da capacidade de resistência dos coletivos de trabalhadores em suas diversas constituições de trabalho.

## Conclusão

A lógica neoliberal tem aprofundado a precarização e flexibilização do trabalho, resultando em um processo insustentável de adoecimento psíquico dos trabalhadores. Correção: A culpabilização e a individualização do sofrimento psíquico têm colocado o indivíduo que vive do trabalho em um estado cada vez maior de alienação do coletivo. Neste trabalho propomos discutir sobre como podemos pensar a relação da Psicologia e o Trabalho em nossa sociedade, marcada por um recrudescimento de uma racionalidade neoliberal, que super explora constantemente mais e mais indivíduos.

No decorrer da história, a Psicologia tradicional foi utilizada para legitimar a dominação da classe burguesa, sendo uma aliada da dinâmica de exploração do trabalho decorrente das crises cíclicas do capitalismo. Em específico, o âmbito da atuação da Psicologia no trabalho, na maioria de suas abordagens acabou por

---

<sup>60</sup> MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia Política do Trabalho na América Latina**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 14, n. 31, p. 609-624, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nr m=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nr m=iso)>. acessos em 03 maio 2023.

<sup>61</sup> MUNIZ, Hélder Pordeus; TEIXEIRA, Emerson Moraes; SILVA, Cláudia Osório da. **Desafios colocados pelas estratégias neoliberais de precarização do trabalho para a pesquisa-intervenção voltada para a transformação das situações de trabalho**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 23, n. 1, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163539>. Acesso em 24 abr. 2023.

validar continuamente esses processos, apesar do desenvolvimento de perspectivas críticas como a Psicologia Social do Trabalho.

Nesse aspecto, é importante que a prática da Psicologia no Âmbito do Trabalho apreenda o adoecimento psíquico do trabalhador de forma não isolada, mas sim como um reflexo das contradições e conflitos do sistema econômico vigente. Sendo fundamental que essa área desenvolva, de forma sistemática, uma abordagem crítica e comprometida com a transformação social, buscando contribuir para a construção de relações de trabalho mais dignas e justas. Isso implica em pensar em práticas que levem em consideração a coletividade e a solidariedade entre os trabalhadores. Concordamos que a necessidade prioritária da atuação da Psicologia no trabalho, é a desindividualização do sofrimento psíquico no trabalho; é essencial pensar em espaços de resistência, em que possam ser desenvolvidos diálogos coletivos, produzindo conscientização da realidade, e perspectivas de mudanças concretas.

Por fim, sabemos dos limites impostos para qualquer prática profissional dentro da sociedade burguesa, ainda mais em tempos neoliberais. Entretanto, deixando de lado qualquer idealismo ou aspiração romântica sobre a realidade, é fundamental trabalhar nos interstícios, e nos limites, que este sistema oferece. O mais importante é a necessidade do psicólogo tomar uma posição legítima de classe em favor das classes populares e oprimidas. Isso passa diretamente pela conscientização de seu papel de classe em favor da emancipação de todos trabalhadores explorados no capitalismo.

## Referências

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. **Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador**. *São Paulo em Perspectiva*, v. 17, p. 3-10, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/P87NC7ZMqpyimgR9t3gBG8yh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. *Serviço Social & Sociedade*, p. 407-427, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/cbc3JDzDvxTqK6SDTQzJJLP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Boitempo editorial, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. Boitempo Editorial, 2020.

BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt. Psicologia organizacional e do trabalho: Que respostas estamos dando aos desafios contemporâneos da sociedade brasileira? In: O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Eds.) **Construindo a psicologia brasileira**: Desafios da ciência e da prática psicológica (pp. 139-166). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo. 2003.

BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologia e ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. Psicologia e compromisso social. In: Bock, Ana Mercês Bahia (org). **Psicologia e o compromisso social**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora; 2009. v. 1, p. 15-28.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Perspectivas para a formação em psicologia**. *Psicol. Ensino & Form.*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 114-122, 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612015000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 17 abr. 2023.

BOCK, Ana Mercês Bahia, et al. **O Compromisso Social da Psicologia e a Possibilidade de uma Profissão Abrangente**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, n. spe, p. e262989, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gLBYMVzGTHFynJJzjhW9x8t/?lang=pt#>. Acesso em: 03 maio. 2023.

BUFFON, Marciano; COSTA, Bárbara Josana. **Do estado de bem-estar social para o neoliberalismo**. *Rev. Estudos Legislativos*, ano, v. 8, p. 103-127, 2014.

COSTA, Euler Oliveira Cardoso da. Subjetividade, fetiche ou feitiço: escola pública e o capitalismo neoliberal. In: ARRUDA, R. (org). **Trabalho, subjetividade e formação humana em tempos de reestruturação do capitalismo**. UERJ, LPP. 2018. p. 224.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2017.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação**. *Production*, v. 14, p. 27-34, 2004. Disponível em: <https://www.prod.org.br/doi/10.1590/S0103-65132004000300004>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DEJOURS, Christophe; BÈGUE, Florence. **Suicídio e trabalho**: o que fazer?. Tradução de F. Soudant. Brasília: Paralelo. 2010.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo** – a nova arquitetura do poder: dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa**: ensaio de interpretação sociológica. Editora Contracorrente, 2020.

FERREIRA, João Batista. A máquina do mundo neoliberal: capturas e resistências à precarização da subjetividade e da vida no trabalho. In: CASTRO, Fernando Gastal; FERREIRA, João Batista. **Neoliberalismo, trabalho e precariedade subjetiva**. (Orgs.) Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022. p. 40-70.

FILGUEIRA, Luiz. O neoliberalismo no Brasil: estrutura, dinâmica e ajuste do modelo econômico. In: **Neoliberalismo y sectores dominantes**: tendencias globales y experiencias nacionales. BASUALDO, Eduardo; ARCEO, Enrique. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires. 2006. ISBN: 987-1183-56-9

Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/basua/C05Filgueiras.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2023.

LEÃO, Luís Henrique da Costa. **Psicologia do Trabalho**: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 291-305, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>, Acesso em 27 ago. 2023.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. Civilização Brasileira, 1968.

MACEDO, Abílio Rezende; COSTA, Felizardo Tchiengo Bartolomeu; JUSTO, José Sterza. **O mototaxista no mundo do trabalho: precarização, desemprego e informalidade**. *Revista Subjetividades*, v. 19, n. 1, p. 7257, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i1.e7257>. Acesso em: 24 abr. 2023.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Boitempo Editorial, 2015.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia Política do Trabalho na América Latina**. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 14, n. 31, p. 609-624, dez. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2014000300012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 03 maio 2023.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. *Estudos de psicologia* (Natal), v. 2, p. 7-27, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 03 maio. 2023.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais**. 1ª ed. Editora Vozes Limitada, 2017.

MONTEIRO, Janine Kieling et al. Os sentidos do trabalho em tempos de capitalismo neoliberal: como fica a saúde mental do trabalhador? In: CARVALHO-FREITAS,

Maria Nivalda et al (org). **Psicologia Organizacional e do Trabalho: perspectivas teórico-práticas**. São Paulo: Vetor Editora. 2022.

MUNIZ, Hélder Pordeus; TEIXEIRA, Emerson Moraes; SILVA, Cláudia Osório da. Desafios colocados pelas estratégias neoliberais de precarização do trabalho para a pesquisa-intervenção voltada para a transformação das situações de trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 23, n. 1, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163539>. Acesso em 24 abr. 2023.

PINEDA, Félix. Psicología organizacional crítica frente a los efectos del neoliberalismo cultural: una problematización de aspectos prácticos y epistemológicos. **Ciencia y Sociedad**, v. 46, n. 1, p. 37-55, 2021. Disponível em: <https://revistas.intec.edu.do/index.php/ciso/article/view/2111>. Acesso em: 27 ago. 2023.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos: Corpos políticos, Desamparo, Fim do Indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 11-38.

SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol. A perspectiva da psicologia social do trabalho. In: SATO, Leny; COUTINHO, Maria Chalfin; BERNARDO, Marcia Hespanhol (org). **Psicologia social do trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ZANELLI, José Carlos; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Inserção profissional do psicólogo em organizações e no trabalho. In: ZANELLI, José Carlos; BORGES-ANDRADE, Jairo Eduardo; BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt (Orgs.) **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed. 2004.